

Sobre o futuro de nossos estabelecimentos educacionais*

Oswaldo Langellotti

Estas conferências foram pronunciadas por Nietzsche desde o dia 16.02.1872, a primeira, até a última em 23.03.1872, num total de cinco.

Em suas reflexões, ele requer de seu leitor três requisitos: ler sem pressa, sereno, ler entrelinhas, isto é, pensar, porque não basta ter pontos de vista somente e não imiscuir sua formação (*Bildung*) na compreensão do que se lê.

Esta é uma meditação de *generis futuri*. Deste modo podemos empreender com o autor um largo caminho. As conferências estão impregnadas de um marcado platonismo que não só se evidencia pela citação do *Fedro*, senão também pela menção das idéias e da forma de diálogo como cenário teatral. O colégio foi preparatório nos tempos da Reforma, nos tempos de Schiller e Goethe e teve como “broto dessa asa de que fala Platão e que eleva a alma, enquanto entra em contato com o belo, até o reino dos arquétipos imutáveis, puros e uniformes das coisas”.

* Tradução de Alberto Marcos Onate.

Nietzsche quer promover uma renovação, revigoração e depuração dos estabelecimentos educacionais para devolver-lhes a prístina tendência sublime que presidiu à sua fundação. A renovação do espírito alemão fará que pareçam antigos e novos, enquanto que agora pretendem ser tão-só “modernos” e “atuais”. Há em suas reflexões uma identificação entre a formação e a natureza, por isso vaticina o triunfo da renovação, porque a atual é anti-natural, convencional e expressão de uma pseudocultura.

Sua tese: há nos estabelecimentos educacionais alemães duas tendências aparentemente opostas, de igual gravitação perniciosa e identificadas nos resultados: o impulso a uma máxima ampliação da *Bildung* e o impulso à *restrição* e ao *debilitamento da mesma*. No primeiro sentido, pretende-se levar a formação a círculos cada vez mais vastos, enquanto que pelo outro impulso se exige que a formação renuncie a suas supostas reivindicações de autonomia e se subordine a outra modalidade de vida, a do Estado. Contra estas duas tendências haverá de lhe contrapor duas tendências genuinamente alemãs: o impulso à contração e concentração da formação, como réplica a sua máxima ampliação, e o impulso à consolidação e autarquia, como réplica a sua restrição e subordinação frente ao Estado.

A ilustração mais generalizada é a barbárie, porque só um exígio número alcança uma verdadeira formação. Procede-se a democratizar os direitos do gênio. No gênio alcança a natureza sua redenção porque nele logra sua meta. A democratização não é outra coisa senão iludir a penosa necessidade de ter de trabalhar pelo gênio, para fazer possível seu nascimento.

Esta formação à altura da “época” é fazer indivíduos “correntes” como “moeda corrente”, de modo que extraia de sua quantidade de conhecimento e saber a máxima quantidade de ganho e felicidade. Seu postulado ético é “aliança de inteligência e bens”. Repudia-se toda formação que conduza ao isolamento e fixe suas

metas além do dinheiro e da ganância (...) sem a censura de “egoísmo superior”, “epicurismo imoral da formação”. À ela se contrapõe uma formação *veloz* para ganhar *muito* dinheiro (...) a humanidade tem um forçoso direito a felicidade terrenal (...) para isto se necessita a ilustração. Isto encadeia um gravíssimo perigo: que as massas se saltem esta etapa intermediária e se encaminhem diretamente à felicidade terrenal. Isto é a “questão social”. A restrição da formação conduz à especialização e só nisto o ilustrado é superior ao vulgo. Isto conduz à destruição da formação. Este estado de coisas tem um gênero literário que o representa: o *periodismo*. O periodismo é hoje a capa aglutinante e pegajosa que se interpõe entre as ciências. O periodismo toma o lugar da formação. O periodista é o servidor do momento, substituiu ao grande gênio, ao guia para todos os tempos, àquele que redime do momento, do Tempo.

Pilar da formação é a língua vernácula. Hoje, porém, a língua está ultrajada. Só estilo periodístico, e no melhor dos casos, erudição. Diz Nietzsche que a língua se estuda nos clássicos dela e não com critério historicista. Há de estudá-la como corpo vivente, não aos estudos anatômicos.

Para Nietzsche a verdadeira formação é reprimir a ridícula pretensão de opinar por conta própria. Há de acostumar o jovem a uma subordinação estrita sob o cetro do gênio... Personalidade livre: distintivo da barbárie. A pátria da formação é a Grécia.

O espírito alemão: a Reforma, a música alemã, a filosofia alemã e a lealdade do soldado alemão. Tudo desde um ardente desejo do grego. Representantes da formação são Schiller e Goethe. A cultura de hoje é “sedução”, “simulacro”, superabundância numérica de institutos, professores, alunos, leis, regulamentos que não redundam numa “*ubertas ingenii*”. A verdadeira formação é a que sustenta a natureza aristocrática do espírito. Seu objetivo é: formação de indivíduos seletos, capacitados para obras grandes e duradouras. O gênio tem uma origem metafísica, uma pátria não natural. A verdadeira

formação do povo a aclara com a alegoria da mãe, a qual nasce do inconsciente e do mito. Com a instrução generalizada perde o povo seu vínculo com o eterno através do gênio. O gênio maduro deve instruir-se na matriz da formação do gênio, para vinculá-lo com o eterno, redimindo-o da esfera cambiante do momentâneo.

A falsa formação fica desconcertada ante ao misterioso e orgiástico aspecto da antigüidade. Aceita só o Apolo esclarecido e entende o ateniense como um homem apolíneo sereno e cordato, ainda que um pouco imoral. Diz não à filologia comparada e às etimologias, porque os filólogos terminariam lamentando-se de que Homero não escreveu em indo-germânico primitivo. Deve-se concentrar no *divergente* dos povos, não nas concordâncias.

A Prússia subordina a formação aos fins do Estado, recolhe com êxito a filosofia hegeliana, “cuja apoteose do Estado certamente culmina com esta subordinação”. O filósofo está condenado a viver à parte, alienado à sua herança. A formação, outrora deusa etérea de pés delicados, é hoje a servidora e conselheira das necessidades da vida, da subsistência e da pressão material ... Só esta oposição: “eu por minha parte conheço *somente* uma verdadeira oposição. Estabelecimentos da *formação* e estabelecimentos das *necessidades da vida*: a este segundo gênero pertencem todos os existentes, porém eu falo dos primeiros”. A contraposição é a de ginásio e escolas profissionais.

Há dois caminhos: o massivo e o seletivo. Os do primeiro fazem circular palavras pomposas: “desenvolvimento integral da personalidade livre dentro de firmes convicções nacionais e morais humanas comuns”, ou bem definem suas metas como “a fundação do Estado popular baseado sobre a razão, a formação e a justiça”. Para os mais raros, os *estabelecimentos de formação* devem consumir sua obra apesar da hostilidade dos demais. Devem ficar depurados dos vestígios da subjetividade e elevados por cima da mudança dos tempos, como reflexo acrisolado do eterno e imutável ser das coi-

sas. Todos, por tal depuração da subjetividade, devem contribuir a promover o nascimento do gênio e a realização de sua obra. A noção de gênio que utiliza é a de Schopenhauer: “gênio é um homem que tem *duplo* intelecto: um *para si* a serviço de sua vontade e outro *para o mundo*, cujo espelho se torna ao compreendê-lo *objetivamente puro*”¹.

A universidade distribui hoje educação “acromática”, ou seja, é da boca ao ouvido, e tanto o falante como o ouvinte estão liberados do que ouvem e escrevem. Só muitos ouvintes é o que interessa. Denomina-se isso de “liberdade universitária”. À discreta distância está vigilante o Estado, para recordar-lhes que ele é o fim, a meta e a quintessência deste procedimento singular sobre a base de falar e ouvir. A interpretação profunda dos problemas imutáveis é substituída paulatinamente pela dilucidação e indagação historicista, filológica... Fica assim desterrada a filosofia mesma... Deste modo, não se promove a verdadeira formação. Pilares da formação: instinto de filosofia, capacidade de arte e os gregos. A pseudoformação os transforma em periodistas, na metamorfose do desespero. A filosofia se converteu em filologia tal como a formulou Sêneca².

Houve uma tentativa séria de procurar a ampla visão do espírito alemão, a *Burschenschaft*, Associação estudantil fundada em 1815 em Viena.

Fazem falta grandes condutores. O ponto de partida de toda formação é a obediência. O gênio, numa metempsicose fulminante, se introduziria “em todos esses corpos semi-animais e todos eles já não podem ser senão um único olho demoníaco (...) harmonia preestabelecida entre condutor e conduzidos e, como na ordem dos espíritos, tudo tende a semelhante constelação”. Com esta alegoria quer que se entenda o verdadeiro instituto educacional e a universidade lhe nega tal caráter.

notas

¹ Schopenhauer, *SW*, Darmstadt 1968, Bd.5, “*Parerga und Paralipomena*”, § 51, p. 90.

² Cf. *Homero e a filologia clássica*, sua dissertação inaugural de 1869, em que Nietzsche havia invertido o sentido da frase de Sêneca para afirmar que o que era filologia se havia convertido em filosofia.